

A ética no jornalismo: o jornalismo em tempos de guerra



Marco Aurélio Morrone MORETTI

Jornalista – Faculdade Casper Líbero;

Mestre em Comunicação – USP;

Professor – UNIP.

mmarcomoretti@uol.com.br



MORETTI, Marco Aurélio Morrone.
A ética no jornalismo:
o jornalismo em tempos de guerra.
Cenários da Comunicação.
São Paulo: UNINOVE, dez. 2004.
v. 3, p. 89-102.

O jornalismo, cujo compromisso maior deveria ser com a verdade, como diz um conhecido *slogan*, nem sempre primou pela ética durante sua turbulenta história. Distorções de fatos, meias-verdades, exageros, narrações tendenciosas de acontecimentos são elementos presentes nessa atividade, provavelmente desde que um tambor pioneiro ressoou transmitindo a primeira notícia a distância, ou desde que uma testemunha ocular resolveu narrar o que viu para outras pessoas.

No entanto, em nenhum momento essa falta de ética com relação à verdade dos fatos fica mais flagrante do que em períodos de conflitos armados. Atualmente, temos a oportunidade de assistir a mais uma comédia de erros (propositais, na maior parte dos casos) na cobertura da Guerra do Iraque. Informações enganosas e manipulações de fatos explícitos, com a intenção deliberada de distorcer a verdade para a opinião pública norte-americana e mundial, têm sido presenciadas quase que diariamente. A questão é que esse tipo de prática não constitui, de forma alguma, novidade nos meios de comunicação.

Para este artigo, recorreremos às informações extraídas do livro de Phillip Knightley (2000), jornalista australiano e ex-correspondente de guerra: *The first casualty – the war correspondent as hero and myth-maker from the Crimea to Kosovo* (A primeira vítima – o correspondente de guerra como herói e criador de mitos, da Criméia a Kosovo).

s primórdios

Já nos primeiros relatos de guerra de que se tem notícia, aqueles do Antigo Testamento da Bíblia, temos pontos de vista claramente tendenciosos, principalmente quando se tratava de narrar os combates do povo hebreu contra os filisteus, egípcios ou qualquer outro povo. Posteriormente, outros relatos de guerra igualmente distorcidos foram sendo produzidos ao longo da história, muitos na forma de poemas épicos, como a *Iliada* de Homero, outros na forma de crônicas, como as campanhas de Júlio César na Inglaterra.

Até então, seus redatores eram anônimos. O primeiro correspondente de guerra que merece tal nome só apareceu no século XIX, especificamente na Guerra da Crimeia (1854), que envolveu a Inglaterra e a Rússia numa disputa de fronteiras. O papel de correspondentes era atribuído a jovens soldados que mandavam cartas das frentes de batalha, expediente bastante insatisfatório, pois não apenas esses soldados-correspondentes eram altamente seletivos com o que escreviam, como mal entendiam o processo jornalístico. Foi então que o editor do *The Times* londrino enviou para o campo de batalha um repórter especialmente contratado para a função: William Howard Russell, o primeiro correspondente de guerra. Ele fez tamanho sucesso cobrindo a guerra que depois reportou outros conflitos, como a Guerra de Secessão dos Estados Unidos da América (EUA) e a Guerra Franco-Prussiana.

Foi na Guerra Civil norte-americana (1861-1865) que o uso de correspondentes de guerra se disseminou pela imprensa. Para cobrir o conflito que contrapôs o Sul ao Norte nos EUA, o *New York Herald* chegou a enviar 63 homens para o campo de batalha, e o *New York Times* (NYT), 20. Pela primeira vez, um fotógrafo, Mathew Brady, foi enviado para cobrir uma guerra e também, pela primeira vez, empregou-se o telégrafo em larga escala. Como resultado, a cobertura da Guerra Civil foi mais imediata do que nunca – o público podia ler o que havia acontecido a quilômetros de casa, no dia anterior.

O problema é que esses correspondentes estavam pouco interessados na veracidade do que descreviam e mais atentos ao impacto que provocavam. A maioria era ignorante, desonesta e sem nenhuma ética: grande parte de seus relatos era inventada, exagerada, sensacionalista e carregada de discursos inflamados.

Com o sucesso da cobertura dessa guerra, os correspondentes se tornaram estrelas. A Era de Ouro dessa categoria de jornalistas foi entre 1865 e 1914. Rapidamente, o correspondente se tornou o herói de suas próprias histórias, contando-as com toda a cor e intensidade. O crédito 'Do nosso correspondente' foi eliminado e substituído pelo nome do próprio repórter. Meio malucos, meio aventureiros, viajavam em cavalo, jegue, camelo, de esqui, de navio ou de trem para onde fosse; carregavam cartas de crédito, peças de ouro e, como não poderia deixar de ser, um par de pistolas sempre

carregadas. Alguns deles chegaram inclusive a servir ao Ministério das Relações Exteriores de seus países como espões e informantes.

Um episódio que ilustra bem o espírito do jornalismo da época e sua pouca relação com a verdade está relacionado à Guerra Hispano-Americana de 1898. Quando rebeldes cubanos se insurgiram contra a Espanha, exigindo independência, o dono do *New York Journal*, o lendário William Randolph Hearst (modelo para *Cidadão Kane* de Orson Welles), achou que os EUA deveriam apoiar sua causa. Com o fuzilamento do líder rebelde, Hearst, mais interessado em vencer a guerra de vendagem contra seu principal concorrente, Joseph Pulitzer, do *World*, enviou um artista, Frederic Remington, para retratar as revoltas em Cuba. Remington chegou à ilha e telegrafou de volta: “Está tudo em paz. Não há nenhum problema aqui. Não vai haver guerra. Gostaria de retornar.” Hearst mandou outro telegrama em resposta: “Por favor, fique aí. Você me arranja as imagens. Eu arranjo a guerra.” (p. 89) O pretexto de Hearst surgiu convenientemente logo depois, quando o navio de guerra norte-americano Maine explodiu no porto de Havana. Sem nenhuma prova, Hearst atribuiu o ocorrido à Espanha e movimentou a opinião pública a forçar o governo a declarar guerra aos espanhóis pela libertação de Cuba.

A Primeira Guerra Mundial: a verdade sacrificada

A Primeira Guerra Mundial representou um momento de virada na história dos correspondentes de guerra. Começou com a promessa de esplendor, honra e glória para os países envolvidos: pretendia ser a guerra para acabar com todas as guerras e terminou sendo um genocídio até então sem precedentes na história.

Quando os países envolvidos perceberam que a guerra era um sacrifício inútil, tornou-se necessário convencer as pessoas de que deveriam fazer um sacrifício maior. E isso não poderia ser feito sem que o público conhecesse, em detalhes, o que estava ocorrendo no *front*. O resultado é que em nenhum outro período da história se escreveram tantas mentiras deliberadas quanto na Primeira Guerra Mundial. Os correspondentes tinham o objetivo de proteger das críticas o alto comando e escreviam a respeito da vida nas trincheiras, silenciando sobre os massacres e deixando-se absorver pela máquina de propaganda dos governos. A censura foi usada como nunca. Foi a respeito dessa guerra que o senador norte-americano Hiram Johnson disse, em 1917: “A primeira baixa da guerra é a verdade.” (p. 137)

No mesmo século XX, um dos conflitos de maior envolvimento das principais nações do mundo foi a Guerra Civil Espanhola, iniciada em 1936. De um lado, estavam os representantes da velha ordem: banqueiros, latifundiários, Igreja, exército e nacionalistas; de outro, camponeses, operários, os melhores escritores e poetas da Espanha e um governo democraticamente eleito, os

republicanos. Os nacionalistas queriam eliminar do país os comunistas e ressuscitar o ideal de uma Espanha pura e cristã; os Republicanos lutavam por uma nova era, ou, no caso dos comunistas, por uma utopia marxista.

A intervenção de Hitler e Mussolini ao lado dos nacionalistas e a da Rússia ao lado dos republicanos pareceram confirmar a visão de que se tratava de um momento crucial da história, pois as pessoas tinham que tomar uma decisão e assumir uma postura. Milhares de jovens da Europa e dos EUA foram voluntariamente à Espanha para lutar e morrer pela República, porque acreditavam nos ideais democráticos. Alguns desses jovens eram escritores e intelectuais de peso, como André Malraux, George Orwell, John dos Passos e Ernest Hemingway.

Mas será que a cobertura foi uma vitória daqueles que defendiam a verdade e a justiça, ou os leitores de jornais do mundo inteiro foram vítimas de dissimulação e mentiras?

Como Drew Middleton, do *New York Times*, que afirmou à época que ser um correspondente de guerra era colher os fatos e escrever sobre eles interpretando o que significavam, sem permitir que sentimentos pessoais a respeito do conflito penetrassem na matéria, isto é, ninguém pode ser completamente objetivo – mas a objetividade é o objetivo? Ou, como disse seu companheiro Herber Matthews, também do *NYT*, um jornalista deve trabalhar com seu coração e sua mente? Os escritos desses intelectuais e correspondentes despertaram, nos EUA, França, Inglaterra e América do Sul, a preocupação do público com relação à guerra, o que levou os jornais

a enviarem a ambos os lados seus melhores correspondentes. Hemingway, por exemplo, passou a treinar recrutas das Brigadas Internacionais em uso de armas e fez freqüentes visitas às linhas de combate. Orwell foi à Espanha escrever artigos para o *New Statesman*, um jornal de esquerda, mas juntou-se a uma força de combate em Barcelona. Kim Philby, nacionalista, trabalhou como correspondente do *The Times*, de Londres do lado nacionalista, embora fosse também um espião da inteligência soviética.

Um desses correspondentes, Arthur Koestler, trabalhava para o Agitgrop (departamento de propaganda soviético) e enviava relatórios sobre os acontecimentos. Somente em 1954 ele confessou que escrevia os relatórios em Paris, com freqüentes interrupções de seu superior, o alemão Wille Muezenberg. Ele apanhava uma página escrita e dizia a Koestler: “Muito objetiva! Fraca demais! Diga ao mundo como eles atropelam os prisioneiros com os tanques, como jogam gasolina sobre eles e os incineram vivos. Faça com que o mundo fique horrorizado.” (p. 154)

Em outro episódio, o jornalista Claude Cockburn, a serviço de Otto Katz, um tcheco, conta que estavam tentando arranjar um jeito de pressionar o governo francês a permitir a entrega de armas aos republicanos. Katz decidiu que Cockburn deveria relatar uma batalha inteiramente fictícia, para ilustrar a desigualdade com que os republicanos estavam lutando. Num outro episódio, Cockburn e o correspondente dos jornais russos *Pravda* e *Izvestia*, Mikhail Koltzov, estavam observando

de longe o ataque dos republicanos contra a fortaleza de Alcázar quando o jornalista Louis Fischer se juntou a eles. Koltzov começou a criticar Fischer por ter mandado um despacho dizendo que o exército republicano estava desmoralizado e sem rumo. Koltzov admitiu que isso era verdade, mas argumentou que o despacho havia feito mais dano do que bem. Fischer tentou defender-se, argumentando que os fatos eram fatos e que os leitores tinham o direito de ler a verdade, porém tanto Koltzov quanto Cockburn reagiram: “Quem deu aos leitores esse direito?” (p. 161)

A perseguição ao clero foi intensa no período da Guerra Civil Espanhola. Cerca de 60 mil pessoas foram mortas durante a fúria republicana, entre eles 12 bispos, 283 freiras, 4.184 padres e 2.365 frades. Isso levantou a opinião pública católica contra os republicanos. O principal alvo da imprensa católica foi o jornalista Herbert Matthews. Seu jornal, o *NYT*, estava determinado a cobrir a guerra com imparcialidade e formulou um plano para chegar a isso: ele imprimiria as notícias dos dois lados e daria o mesmo destaque a ambos, com igual tamanho e tratamento. Esse esquema, muito bom em teoria, foi um desastre na prática e não agradou nem a gregos nem a troianos. Para começar, o correspondente do *Times*, ao lado das forças de Franco, era William P. Carney, um católico que não gostava dos excessos dos republicanos contra o clero. Ele não era um correspondente da mesma estatura de Matthews; por isso, colocar suas reportagens lado a lado significava dar destaque a uma matéria ruim em detrimento de uma boa. Além disso, o conselho edi-

torial do *NYT* era formado por católicos, conhecidos por refletirem seus pontos de vista sobre quaisquer notícias, quer se tratasse do controle da natalidade ou do comunismo. E, finalmente, a oposição a Matthews foi muito mais eficaz em pressioná-lo do que seus admiradores em defendê-lo.

Conflito semelhante ocorreu em dezembro de 1937. Nessa data, os republicanos haviam retomado a cidade de Teruel. Os nacionalistas estavam tão confiantes na vitória que liberaram um comunicado anunciando a reconquista da cidade. Carney não só enviou o comunicado para o *NYT*, mas também acrescentou uma descrição muito vívida de como os cidadãos receberam entusiasticamente as tropas de Franco, com a saudação fascista. O *NYT* usou a matéria. No mesmo dia, Matthews estava em Teruel e informou que ela continuava nas mãos dos republicanos. Ele mandou a matéria, que incluía tantos detalhes de testemunhos oculares que o *NYT* não teve outra saída a não ser publicá-la, mesmo que isso 'arranhasse' a credibilidade de Carney.

Na verdade, a Guerra Civil Espanhola foi apenas um ensaio para a manipulação que ocorreria três anos depois, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Imediatamente após a invasão da Polônia pela Alemanha, o parlamento inglês aprovou uma lei autorizando o governo a controlar todos os meios de comunicação. Qualquer comunicado impresso, comercial ou particular, que saísse da Inglaterra, fosse por correio, cabo, telégrafo ou telefone, seria censurado. Todos, incluindo-se os editores de jornais, estavam proibidos de obter, registrar,

comunicar ou publicar informações que pudessem ser usadas pelo inimigo. Os escritórios aliados também determinaram que a cobertura da guerra deveria ser feita da seguinte forma: um oficial conhecido como 'Testemunha Ocular' forneceria as informações oficiais, e um número limitado de correspondentes teria permissão para enviar informações censuradas de assuntos capazes de afetar o moral no *front* doméstico.

Na Alemanha, por sua vez, os correspondentes estrangeiros tinham privilégios especiais, como rações extras, gasolina etc. Alguns deles eram pagos pessoalmente pelo Ministro da Propaganda, Dr. Goebbels. Embora os alemães fizessem muita publicidade de sua liberdade de imprensa, qualquer artigo dos correspondentes estrangeiros, no dia seguinte ao da publicação, era analisado por um oficial do Ministério. Um correspondente cujo material não fosse considerado favorável estava sujeito a sofrer um assédio crescente, que ia desde uma mensagem escrita, passando pelo desligamento de seu telefone, e poderia até terminar com sua prisão por espionagem.

Quanto aos correspondentes alemães, Goebbels determinou que eles simplesmente não existiriam. Na Alemanha nazista, jornalistas, escritores, poetas, fotógrafos, câmeras, editores, pintores etc. eram recrutados à força na Divisão de Propaganda do Exército e passavam a ser conhecidos como PK (Propaganda Kompanien, espécie de agentes de propaganda)

Um exemplo da manipulação ocorreu na Batalha da Grã-Bretanha, em que a *Royal Air Force* (RAF) britânica sozinha enfrentou a *Luftwaffe* (a força aérea alemã) nos

céus ingleses, em menor número e com pouca munição, mas com brilhante improvisação, habilidade e inacreditável bravura. Essa luta levou o Primeiro-Ministro britânico Sir Winston Churchill (1874-1965) a declarar que “[...] nunca tantos fizeram tanto com tão pouco” (p. 210), referindo-se ao esforço dos pilotos britânicos. Os jornalistas que cobriam os conflitos nos ares falavam como locutores de futebol, com manchetes do tipo: “A maior batalha aérea de todas – 78 a 26 para a Inglaterra!” Quando os alemães, frustrados nessas batalhas, mudaram de tática e passaram a atacar os centros mais populosos, Londres foi pesadamente bombardeada durante 76 noites consecutivas.

A questão é que a maior parte dos correspondentes que relatavam a batalha da Grã-Bretanha era composta de norte-americanos. Eles tinham espaço nos jornais, tempo no rádio e o apoio do Ministro da Defesa britânico, fatos hoje contestados. Para começar, a Inglaterra não estava em minoria – na pior das hipóteses, empatava com os alemães – e os aviões ingleses eram tecnicamente superiores aos deles. Como a maior parte da batalha ocorreu em solo inglês, pilotos e aviões alemães abatidos estavam irremediavelmente perdidos, enquanto os dos ingleses eram parcialmente recuperados. Além disso, a Inglaterra contava com radar para detectar a aproximação da Luftwaffe. Seja como for, somente depois da guerra o Ministro da Defesa confessou que os comunicados oficiais haviam exagerado nas baixas inimigas para manter o moral da população.

Considerações finais

Como vimos, a distorção, a mentira e a manipulação parecem ter sido sinônimos de jornalismo, pelo menos quando se trata de narrar a guerra. Da Segunda Guerra Mundial para cá, essa prática não mudou em nada. E, pelo que temos visto nos noticiários de TV e jornais, ela se tornou tão corriqueira que ninguém mais a questiona. A manipulação da informação vai desde a edição de imagens até o enfoque dado aos textos noticiosos. Na Guerra do Iraque, atualmente, essas práticas são tão freqüentes que nem mesmo a imprensa norte-americana chega a questionar a veracidade dos fatos transmitidos do *front* – simplesmente os aceita como verdade e ponto final. Isso levou muitos correspondentes e analistas a considerarem que a verdade, ao menos com relação a conflitos, parece ter mesmo perdido a batalha.

Referências

KNIGHTLEY, Phillip. *The first casualty – the war correspondent as hero and myth-maker from the Crimea to Kosovo* (A primeira vítima – o correspondente de guerra como herói e criador de mitos, da Kriméia a Kosovo). 1. ed. Baltimore: Johns Hopkins, 2000.